

ENSINO SISTEMÁTICO DA ALFABETIZAÇÃO: o que toda criança precisa aprender

**Thayná Domingos Claro¹
Márcia Aparecida Resende²**

RESUMO

Este trabalho trata do ensino sistemático da alfabetização, enfatizando o que toda criança precisa aprender para se apropriar do Sistema de Escrita Alfabética. A criança aprende a ler e escrever de acordo com suas vivências e estímulos proporcionados na escola. Como dizia Paulo Freire: “Aprender a ler e escrever é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, localizar-se no espaço social mais amplo, a partir da linguagem.” Portanto, estes são momentos marcantes na vida escolar de uma criança, a descoberta da leitura, o momento em que se aprende a ler o mundo. O objetivo deste estudo é investigar as habilidades linguísticas que uma criança precisa desenvolver e concluir a relevância dos princípios básicos para a alfabetização. Este propósito será conseguido através da revisão bibliográfica. A pesquisa demonstrou que a alfabetização não ocorre espontaneamente, sem que haja a interferência de um professor. O processo de aprendizagem do sistema de escrita requer sistematização, planejamento, atividades e materiais intencionais, que proporcionem, de fato, um aprendizado mais significativo.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Ensino. Aprendizagem. Sistema de escrita.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem o objetivo de relatar quais as capacidades que uma criança precisa desenvolver e dominar para se apropriar do Sistema de Escrita Alfabética.

O processo de Alfabetização e Letramento é muito importante para todos. A criança aprende a ler e escrever de acordo com suas vivências e estímulos proporcionados na escola. Como

¹ Thayná Domingos Claro, graduanda do curso de Pedagogia. E-mail: thayna.claro@alunos.unis.edu.br

² Professora do Centro Universitário do Sul de Minas (UNIS/MG). Email: marcia.resende@professor.unis.edu.br

dizia Paulo Freire: “Aprender a ler e escrever é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, localizar-se no espaço social mais amplo, a partir da linguagem”. É válido lembrar que estes são alguns dos momentos mais importantes e marcantes de uma criança na escola: a descoberta da leitura e da escrita, o momento em que se aprende a ler o mundo e se apropriar do sistema de escrita alfabética.

Para que este estudo seja pertinente e coerente é necessário compreender os domínios e as capacidades que uma criança precisa adquirir para ser alfabetizada, além de investigar as habilidades linguísticas que uma criança precisa desenvolver e concluir a relevância dos princípios básicos para a alfabetização.

A metodologia abordada é a pesquisa bibliográfica, sendo aquela que abrange toda a bibliografia que foi tomada como objeto de estudo e publicada em diversos meios de comunicação, entre elas as orais, como rádios e escritas, com jornais, monografias, entre outros.

O texto foi organizado por tópicos que são constituídos pelos seguintes repertórios: Introdução; Alfabetização e Letramento; Apropriação do Sistema de Escrita Alfabética; O Desenvolvimento das Habilidades de Reflexão Fonológica; Atividades e Formas de Intervenção no Processo de Aprendizagem da Escrita; Considerações Finais, Conclusão e Referências.

2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Para abordar habilidades envolvidas na aprendizagem da escrita. é necessário definir o que se entende por alfabetização, considerando que nas últimas décadas o conceito de letramento tem se associado às discussões do campo da alfabetização.

Assim, algumas questões se colocam: alfabetização e letramento são a mesma coisa? Existe hierarquia entre esses dois processos? O que tudo isso tem a ver com o desenvolvimento de habilidades relacionadas com a leitura e a escrita?

Para compreender essas questões recorreremos à pesquisadora Magda Soares, que é uma das maiores autoridades no assunto em nosso país. De acordo com a autora, alfabetização e letramento são processos distintos, porém interdependentes. São articulados, visto que acontecem simultaneamente e não possuem nenhuma hierarquia entre eles. Como é abordado por Soares, “**Alfabetização e letramento** são processos cognitivos e linguísticos distintos, [...] são processos simultâneos e interdependentes.” (2020, p. 27, grifo do autor).

O processo de letramento tem suas características próprias e se distingue da alfabetização. Em conformidade com Soares (2020, p. 27), o letramento desenvolve “capacidades de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades várias, tais como: [...] capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos, etc. [...]”.

É notório que há muitas habilidades que necessitam ser desenvolvidas durante o processo de alfabetização, mas sabe-se que elas não progridem em detrimento do letramento. São realizadas concomitantemente, mesmo que cada processo tenha sua particularidade, a aprendizagem do sistema de escrita só acontece, de fato, quando esses dois processos são trabalhados sincronicamente.

Para que a aprendizagem do SEA - Sistema de Escrita Alfabética tenha bons resultados, é preciso que o ensino seja sistemático e planejado, considerando que através de atividades de letramento, em que são utilizados textos como abordagem principal, o ensino será direcionado e resultará positivamente em uma aprendizagem significativa. Logo, “a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita.” (SOARES, 2020, p.27)

Segundo Magda Soares (2020, p. 10): “[...] até os anos 1980, a alfabetização era considerada a decifração e cifração de um código: relacionar sons da fala às letras do sistema alfabético, e não um sistema de representação, que precisa ser compreendido.” Dessa forma, o fracasso na alfabetização era registrado em altos índices no país, sendo que muitas crianças repetiam a 1ª série porque não eram alfabetizadas, ou seja, não dominavam os processos de codificação e decodificação da escrita.

Para não retrocedermos muito, em 1982, mais da metade das crianças repetia a 1ª série, considerada então como o ‘ano da alfabetização’. Repetiam uma vez, duas vezes, três vezes até que fossem consideradas alfabetizadas, o que significava, em geral, apenas serem capazes de decodificar (ler) e codificar (escrever) palavras. (SOARES, 2020, p. 9)

Então com os estudos e pesquisas da professora e pesquisadora Magda Soares (2020), muitos conhecimentos acerca da alfabetização foram desvendados. Até nos anos 1980, o poder público queria justificar o fracasso na aprendizagem inicial da escrita com duas hipóteses:

[...] de um lado, avalia-se periodicamente o nível de alfabetização das crianças como forma de exercer controle sobre a qualidade da alfabetização e do letramento; de outro lado, diante da repetida constatação da baixa qualidade, implantam-se políticas de

formação de alfabetizadores, canceladas e substituídas a cada nova gestão nacional, estadual ou municipal. (SOARES, 2020, p. 10)

Porém, as equipes pedagógicas acreditavam que o fracasso escolar decorria diante da má escolha entre os métodos de alfabetização. “Já a resposta pedagógica tem-se limitado, ao longo dessas décadas de fracasso escolar em alfabetizar as crianças, à escolha entre **métodos de alfabetização**.” (SOARES, 2020, p.10, grifo do autor).

Após anos de pesquisa, foram realizados novos estudos, construídos novos conhecimentos, surgindo outras ciências que abordam a aprendizagem da língua escrita das crianças e o objeto dessa aprendizagem, modificando então a concepção sobre a alfabetização. “Foi só na década de 1980 que ganharam evidência conhecimentos que vinham sendo construídos, em várias ciências, sobre o *processo* de aprendizagem da língua escrita pela criança e sobre o *objeto* dessa aprendizagem, gerando mudanças na concepção de alfabetização.” (SOARES, 2020, p.10-11, grifo do autor)

Magda Soares criou o termo Alfalettrar, em que nada mais é do que alfabetizar e letrar simultaneamente. Durante o processo de apropriação do sistema de escrita alfabética, a criança precisa desenvolver habilidades linguísticas e cognitivas, visto que este sistema de representação é muito complexo e abstrato. Logo, precisará do contato visual e físico para entender e representar significativamente os princípios básicos para a alfabetização.

Com o intuito de compreender os procedimentos para o processo de alfabetização e letramento, percebe-se que a maneira mais eficiente e satisfatória para os alunos aprenderem as propriedades e as convenções da notação alfabética é alfabetizando em contexto de letramento, através de atividades reais e significativas focadas na leitura e produção de textos que sejam trabalhados diariamente e de forma sistemática. Como diz Artur Gomes (2012, p.16): “é preciso alfabetizar letrando, isto é, praticar a leitura e produção de textos reais.”

As atividades propostas pelo(a) professor(a) devem desafiar os alunos a ler e escrever palavras, frases e textos. Estes recursos são essenciais para o aprendiz que está começando a ler e escrever sozinho. Portanto, deve-se utilizar diversas ferramentas e diversos meios para explorar o imaginário e enriquecer o aprendizado dos alunos. Segundo Moraes (2012, p.151): “[...] o domínio das correspondências grafema-fonema pressupõe um ensino sistemático que pode e deve ser lúdico, reflexivo e prazeroso.”

3 APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA

O nosso sistema de escrita é o alfabético e fonográfico, já que é parte de um sistema de representação de sons que compõem palavras e sua finalidade é chegar a um significado. Logo, precisamos dominar as propriedades desse sistema linguístico, em que as letras representam sons numa relação de significado e significante.

Nosso sistema principal de escrita é o alfabeto. O alfabeto é um sistema fonográfico, portanto, um sistema que parte da representação de sons para compor palavras e chegar assim, ao significado. O alfabeto foi inventado através de um princípio acrofônico ou princípio alfabético. (CAGLIARI, 2011, p. 77)

Sabemos que o alfabeto da Língua Portuguesa é composto por 26 letras, que isoladas ou combinadas e com alguns sinais como acentos gráficos, til e cedilha, representam todos os fonemas. “A escrita alfabética não é um código que simplesmente transpõe graficamente as unidades sonoras mínimas da fala (fonemas) para a escrita. Mas, um sistema de representação notacional dos segmentos sonoros da fala” (FERREIRO, 1995; MORAIS, 2004).

O que isso significa? Significa que a escrita é muito mais que o processo de codificação dos sons da fala, pois a relação entre as letras e os sons não é direta. Então, não basta memorizar os grafemas que correspondem aos respectivos fonemas de uma língua para dominar a escrita. Conceber a escrita como sistema de representação implica a complexa tarefa de compreensão da relação existente entre a escrita e o que ela representa (ou nota) no papel ou em outro suporte de texto.

Para alfabetizar é necessário compreender que a fala e a escrita são sistemas diferentes, pois quando alfabetiza relaciona-se às letras aos sons, logo passa da linguagem oral para a linguagem escrita, ou seja, é uma forma de representação.

Estudiosos como Ferreiro (2001) e Morais (2004; 2012) alertam que conceber a escrita como um código está relacionado com a priorização das capacidades perceptivas e motoras (discriminação visual, auditiva, coordenação motora) em detrimento das questões conceituais, ou seja, a compreensão das propriedades do sistema de escrita alfabética.

Nesse processo, destaca-se o papel da consciência fonológica e sua relação com a alfabetização. A consciência fonológica começou a ser explorada por muitos pesquisadores por volta dos anos 1970 e perdura até a contemporaneidade. “Desde a década de 1970, pesquisas feitas

em diversos países vêm demonstrando que existe uma relação entre o que se passou a chamar consciência fonológica e o aprendizado da escrita alfabética.” (BRASIL, 2012, p.20)

Conforme as pesquisas realizadas por Artur Gomes de Morais (2012, p. 51), sabe-se que há dez propriedades relevantes que o aluno precisa reorganizar em seu pensamento para a compreensão do sistema alfabético, são elas:

Escreve-se com letras que não podem ser inventadas, que têm um repertório finito e que são diferentes de números e de outros símbolos;
As letras têm formatos fixos e pequenas variações produzem mudanças em sua identidade (p, q, b, d), embora uma letra assuma formatos variados (P, p, P, p);
A ordem das letras no interior da palavra não pode ser mudada;
Uma letra pode se repetir no interior de uma palavra e em diferentes palavras, ao mesmo tempo em que distintas palavras compartilham as mesmas letras;
Nem todas as letras podem ocupar certas posições no interior das palavras e nem todas as letras podem vir juntas de quaisquer outras;
As letras notam ou substituem a pauta sonora das palavras que pronunciamos e nunca levam em conta as características físicas ou funcionais dos referentes que substituem;
As letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos;
As letras têm valores sonoros fixos, apesar de muitas terem mais de um valor sonoro e certos sons poderem ser notados com mais de uma letra.
Além de letras, na escrita de palavras usam-se, também, algumas marcas (acentos) que podem modificar a tonicidade ou o som das letras ou sílabas onde aparecem.
As sílabas podem variar quanto às combinações entre consoantes e vogais (CV, CCV, CVV, CVV, ‘sic’ CVC, V, VC, VCC, CCVCC...), mas a estrutura predominante no português é a sílaba CV (consoante-vogal), e todas as sílabas do português contêm, ao menos, uma vogal.

Esses conhecimentos são complexos para os alunos, mas de extrema importância no processo de alfabetização. Além disso, os alunos não necessitam saber como segmentar os fonemas das palavras. Morais afirma:

[...] certas habilidades de consciência fonêmica não são, de modo algum, requisito para alguém se alfabetizar. Ninguém precisa ser treinado a pronunciar /b/ /i/ /k/ /a/ para a palavra *bica*, a fim de se tornar alfabetizado. Aliás, vale a pena lembrar que é só nos cursos de fonética e fonologia, frequentados por quem estuda letras, fonoaudiologia e psicopedagogia, que adultos já superletrados aprendem a segmentar palavras em seus fonemas. (2012, p.88, grifo do autor)

A princípio, todas as etapas de desenvolvimento sobre o sistema alfabético são de suma importância para a criança. Por meio deste, ela desenvolverá a consciência fonológica, a habilidade de discriminar e manipular os segmentos da fala; a consciência fonêmica, a capacidade de analisar os fonemas que compõem a palavra; o conhecimento das letras do alfabeto e as relações dos fonemas- grafemas, ou seja, dos sons e das letras, entre tantas outras habilidades. Em todas essas

ações, o professor deve estar engajado em ensinar e atuar de maneira eficiente para que a aprendizagem seja significativa.

4 DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES DE REFLEXÃO FONOLÓGICA E CONHECIMENTO DAS LETRAS

O desenvolvimento da consciência fonológica é relevante e tem grande influência nos processos de aprendizagem da leitura e da escrita.

Morais (2004; 2012) defende o ensino sistemático dos princípios que regem o SEA, com a compreensão das relações entre letras e sons através de atividades reflexivas, ou seja, explorar as palavras dentro do texto para compreender como essas palavras são formadas, tendo por base as letras e os sons.

Contudo, para que a alfabetização aconteça, os alunos precisam desenvolver algumas habilidades. De acordo com Moraes: “As habilidades ligadas à identificação de palavras começadas com a mesma sílaba tendem a ser resolvidas com mais êxito pelos alunos com hipótese silábicas, silábico-alfabéticas ou alfabéticas.” (2012, p.87)

“Ser capaz de identificar palavras que compartilham apenas o mesmo fonema (e não toda a sílaba) inicial é importante para se alcançar uma hipótese silábico-alfabética ou alfabética de escrita.” (2012, p.87)

“De modo semelhante, ser capaz de identificar palavras que rimam ou produzir uma palavra que rime com outra se mostrou uma habilidade mais presente entre alunos que já tinham alcançado no mínimo uma hipótese silábica de escrita.” (2012, p. 87)

“As crianças, assim como os adultos superletrados, tendem a *nunca* conseguir pronunciar um a um os fonemas de cada palavra. Tampouco conseguem contar os fonemas de uma palavra, segmentando-os um a um.” (2012, p. 88, grifo do autor)

As habilidades citadas acima são extremamente importantes para que a apropriação do sistema alfabético seja consolidada. Portanto, é válido realizar atividades em que os alunos reflitam e compreendam as palavras, as sílabas e as unidades menores que as sílabas. Como reitera Moraes: “[...] consciência fonológica envolve também a análise de sílabas, de rimas e de palavras dentro de palavras, constituindo, portanto, algo bem mais amplo que a consciência fonêmica.” (2012, p.131).

Enfim, o que são as habilidades de reflexão fonológica? São habilidades metalinguísticas que proporcionam ao indivíduo a reflexão e a compreensão dos segmentos sonoros de uma palavra. Portanto, o aprendiz exercita a sua capacidade de refletir sobre a linguagem.

Soares conceitua consciência fonológica como “a capacidade de focalizar e segmentar a cadeia sonora que constitui a palavra e de refletir sobre seus segmentos sonoros, que se distinguem por sua dimensão: a palavra, as sílabas, as rimas, os fonemas.” (2020, p.77).

O desenvolvimento das habilidades fonológicas está relacionado com a aprendizagem das letras, por isso é importante que o ensino propicie situações em que as crianças vão estabelecendo as relações grafofônicas, a partir da reflexão sobre os sons e das possibilidades de representação na escrita.

De acordo com Soares (op. cit), esse processo inicia-se pela compreensão da relação entre o significado e o significante na dimensão da palavra, seguida pela capacidade de perceber as partes sonoras dessa palavra - consciência silábica e, finalmente, a compreensão de que dentro da sílaba existem unidades menores que são os fonemas, chegando à consciência fonêmica.

De acordo com Artur de Moraes e Tânia Leite (2005, p.73):

Uma coisa é usar as palavras para se comunicar. Outra é tomá-las como objetos sobre os quais podemos refletir, observando algumas de suas características (por exemplo, sua semelhança sonora com outras palavras da língua, seu tamanho, os “pedaços sonoros” que as compõem), independentemente de seus significados. Quando esse tipo de reflexão se dá sobre a dimensão sonora da palavra, estamos diante da colocação em prática de habilidades de reflexão fonológica, algo também chamado na literatura especializada de “consciência fonológica” ou “conhecimentos metafonológicos”.

É preciso explicar para os alfabetizandos que as palavras são faladas e servem para interagir com as pessoas, porém também são utilizadas como objetos de estudos, que apresentam características e propriedades próprias para sua compreensão. Muitas vezes, isso não fica claro para eles, portanto sentem dificuldades em entender o processo de aprendizagem da língua escrita.

O alfabetizando deverá compreender que as palavras são escritas com letras, que não podem ser mudadas, que contêm formatos fixos e que obedecem a uma ordem na composição das palavras. Logo, o aprendiz deve conhecer as letras e reconhecê-las, fazendo a relação entre sons e grafemas. Dessa forma, conseguirá entender que uma palavra tem que ser escrita numa determinada ordem e que se as letras no interior dessa palavra forem mudadas, poderão ou não formar novos vocábulos. Conforme mencionado acima, os aprendizes da língua escrita deverão compreender que as letras possuem formas específicas e que muitas delas são bem semelhantes. A percepção em identificar as diversas formas de letras é muito importante. O professor alfabetizador necessita apresentar as variadas formas de letras que estão em nosso cotidiano, para que o indivíduo se familiarize com

elas. Utilizar o alfabeto móvel é um ótimo recurso para trabalhar os grafemas, mas deve ser utilizado de maneira contextualizada.

Mas, então, como promover o desenvolvimento das habilidades de reflexão fonológica dos alfabetizandos? Através de atividades e brincadeiras que focalizem na reflexão fonológica das palavras. Sabe-se que as situações de brincadeiras e jogos são extremamente enriquecedoras para a exploração e consolidação das propriedades do SEA que toda criança necessita adquirir. Segundo Morais: “Brincar da ‘língua do pê, brincar de 'adedanha/adedonha' (ou stop), brincar de ‘forca’ são alguns exemplos que logo nos vêm à mente, ao lado de outras formas de se divertir com caça-palavras ou cruzadinhas.” (MORAIS, 2020, p.142)

O professor alfabetizador necessita ter materiais que auxiliem os educandos a investigar a consciência fonológica. Estes, deverão ser utilizados cotidianamente, para que as crianças passem por situações problematizadoras, além de se divertirem e brincarem em sala de aula também. Os jogos e as atividades permitirão que analisem as palavras, ao ouvirem e escreverem, de forma lúdica. Morais explicita alguns textos que podem ser trabalhados, são eles: “Textos poéticos da tradição popular (cantigas, parlendas, trava-línguas, cordéis, adivinhas, lenga-lengas, etc.), poemas e canções atuais.” (2020, p.157)

Ressalta-se que o professor pode criar atividades de leitura de frases e textos; atividades de escritas de palavras, ajustando às necessidades de sua turma e possibilitando a reflexão fonológica. No entanto, há materiais disponíveis em sites da internet que podem ajudar a compreender as relações entre as partes orais e escritas das palavras, de maneira lúdica. Morais, elaborou um conjunto de Jogos de Alfabetização, são estes:

Batalha de Palavras (que leva a refletir sobre o tamanho das palavras), os jogos de rimas (Trinca Mágica e Caça-rimas), outros, como Bingo dos Sons Iniciais e o Dado Sonoro (nos quais se analisam aliterações nas primeiras sílabas das palavras ‘cantadas’), e o Palavra dentro de Palavra (no qual os alunos devem descobrir, por exemplo, que dentro da palavra *tucano* está a palavra *cano*). (cf. BRASIL, 2009a, apud MORAIS, 2012, p. 99, grifo do autor)

Acredita-se que são materiais valiosos que podem ser utilizados por toda a fase de alfabetização, percorrendo os anos iniciais e finais da vida escolar. São divertidos, já que promovem a motivação, a curiosidade, a atenção, dentre outros.

A seguir, estão algumas sugestões de atividades que podem ser utilizadas para a apropriação do SEA- Sistema de Escrita Alfabética.

Quadro 1 - Exemplos de atividades para apropriação do sistema de escrita

TIPO DE ATIVIDADE	OBJETIVOS	DESCRIÇÃO
Palavras estáveis (nomes próprios)	<ul style="list-style-type: none"> - Refletir sobre as unidades menores que a sílaba. - Comparar nomes. - Reconhecer a palavra como unidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - As palavras estáveis são todas as palavras que as crianças conhecem globalmente, mesmo não dominando o sistema alfabético. Quando as crianças aprendem palavras próprias, elas podem utilizar o princípio da palavra e formar novas, que inicie com a mesma sílaba. - As atividades de ordenação permitem compreender que a ordem das letras nas palavras são as ordens dos fonemas na pausa sonora. - Conhecer as palavras como unidade.
Identificação de palavras no texto	<p>Refletir sobre o SEA no nível das palavras.</p> <p>Compreender que:</p> <ul style="list-style-type: none"> - as mesmas letras em uma mesma sequência vão corresponder a uma mesma palavra; - o espaço entre uma palavra e outra é uma pista sobre se começa e termina a palavra. 	<p>Reconhecer a palavra LEILÃO no poema Leilão de Jardim.</p> <p>Produzir uma palavra que rima com LEILÃO (LEITÃO).</p> <p>Palavras cruzadas.</p> <p>Escrever os nomes de figuras referentes no texto.</p>
<p>Comparação entre palavras (rimas)</p> <p>Análise fonológica X correspondência escrita</p>	<p>Refletir sobre o SEA no nível das palavras.</p> <p>Realizar a comparação entre as palavras para identificar rimas.</p> <p>Compreender que palavras que terminam com o mesmo som, tendem a ser escritas da mesma forma.</p> <p>Refletir sobre o som e seu significado na escrita.</p>	<p>Trabalho em duplas produtivas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - montar a poesia com os versos recortados; - montar a poesia com as palavras recortadas; - escrever a poesia que se sabe de cor.
Trabalho com o poema “Flor amarela”.	Compreender a relação entre som e escrita.	<p>Leitura da poesia: Flor amarela.</p> <p>Pediu para encontrar algumas palavras no texto: bela, janela, Arabela.</p>

(reflexão fonológica)		Destaque para as rimas e exploração da consciência dos sons.
-----------------------	--	--

Fonte: vídeos do youtube.

Nesse sentido, é importante o desenvolvimento de uma rotina de trabalho onde apareçam sempre atividades de reflexão e de sistematização do sistema de escrita. Essa rotina deve conter atividades diversificadas em que o aluno entrará em contato com explorações ao nível da palavra em diferentes formas. Para isso, existe um conjunto de quatro tipos de atividades que podem auxiliar nessa reflexão: trabalho com palavras estáveis; reflexão sobre unidades menores; reflexão sobre correspondências grafofônicas; reflexão e sistematização dos conhecimentos.

Essas atividades irão possibilitar que os alunos entendam o princípio de funcionamento do sistema de escrita refletindo durante a prática. E na questão do erro, por exemplo, ao invés de a professora corrigir dando a resposta de imediato, ela dá um tempo para o aluno refletir e encontrar as respostas.

5 CONCLUSÃO

Considerando a investigação sobre as habilidades linguísticas que a criança precisa desenvolver para a alfabetização, podemos concluir que a interferência do professor é fundamental. O processo de aprendizagem do sistema de escrita requer sistematização, planejamento, atividades e materiais intencionais, que proporcionem, de fato, um aprendizado mais significativo.

Aprendemos por meio das pesquisas que a alfabetização não é natural ou espontânea, mas necessita da mediação do professor, uma vez que o sistema de escrita alfabética é complexo e abstrato, devendo ser ensinado de forma sistemática e bem planejada.

Por fim, compreendemos a relevância da consciência fonológica, que envolve habilidades importantes na aprendizagem da língua escrita. Logo, é válido trabalhar com atividades em que os alunos reflitam e compreendam as palavras, as sílabas e as unidades menores que as sílabas. Contudo, reconhecemos a necessidade de aprofundamento nas abordagens feitas, principalmente em relação às metodologias que podem ser utilizadas pelos professores alfabetizadores, considerando os contextos de letramentos e as necessidades de aprendizagem das crianças nos diversos grupos sociais, de modo a promover a democratização da educação.

SYSTEMATIC TEACHING OF LITERACY: what every child needs to learn

ABSTRACT

This work deals with the systematic teaching of education, emphasizing what every child needs to learn, to appropriate the Alphabetical writing System. Child learns to read and write according with their experiences and motivation provided at school. As said Paulo Freire: "Learning to read and write is, above all, learning to read the world, understanding its context, locating yourself in the broader social space, based on language." Therefore, these are defining moments in a child's school life, the discovery of reading, the moment when you learn to read the world. The purpose of this study is investigate language skills that a child needs develop and complete the relevance of basic principles for education. This intention will be achieved through literature review. Research has shown that education does not occur freely, without the interference of a teacher. The learning process of the writing system request systematization, planning, activities and intentional materials wich provide, in fact, a more meaningful learning.

Keywords: Literacy. Literacy. Teaching. Apprenticeship. Writing System

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Educação. **A aprendizagem do sistema de escrita alfabética**. Brasília, MEC/SEB, 2012. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/bibliografia0210.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2021
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Algumas questões de linguística na alfabetização. [S. l.]: **Unesp**, (**Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”**), 2011. p. 72-83. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40140>>. Acesso em: 20 abr. 2021
- GALVÃO, Andréa et al. Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética. **Ministério da Educação, CEEL (Centro de Estudos em Educação e Linguagem em Pernambuco)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, 168p. Disponível em: <<http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/20.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2021
- MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramento, 2012, 192 p.
- MORAIS, Artur Gomes de. **Consciência Fonológica na Educação Infantil e no Ciclo de Alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020. 138 p.
- SANTI, Paula Aparecida. **Alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental**. Ijuí/RS: Unijuí, 2014, 36 p.
- SILVA, Verônica Erculano da; SILVA, Fábio Bernardo da. Alfabetização e letramento nas séries iniciais. **Revista Saberes Docentes**, Juína-MT, Brasil, v. 3, n. 5, p.1-32, jan./jul. 2018.
- SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo : Contexto, 2020. 352 p.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2020. 185 p.
- SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2020. 208 p.
- ZACCUR, Edwiges. Fala português, professora. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Alfabetização dos alunos das classes populares: ainda um desafio**. São Paulo : Cortez, 2012. p.17-39